

Breve Caracterização da Economia Espanhola

Isabel Barata e Aucendina Diogo

DT 29-2000

Outubro 2000

As análises, opiniões e conclusões expressas neste documento de trabalho são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não reflectem necessariamente posições do Ministério da Economia.

Breve Caracterização da Economia Espanhola

por

Isabel Barata

Directora de Serviços do GEPE

Aucendina Diogo

Técnica Superior do Gepe

FICHA TÉCNICA

Título: Breve Caracterização da Economia Espanhola

Autores: Isabel Barata e Aucendina Diogo

Editor: GEPE - Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica
do Ministério da Economia

Rua José Estêvão, 83-A, 4.º-Dto.

1169-153 Lisboa

Gep@mail.telepac.pt

www.gepe.pt

Concepção gráfica: Deltagraphos - Design e Publicidade, Lda.

Fotolito, montagem,

impressão e acabamento: Grafema - Sociedade Gráfica, Lda.

Tiragem: 500 exemplares

Edição: Lisboa, Outubro 2000

ISBN: 972-8170-63-7

Depósito legal: 156 708/00

Nota de Enquadramento

Este trabalho sobre Espanha insere-se num Projecto mais amplo em que o GEPE se encontra envolvido em parceria com o ICEP e o ISEG, contando ainda com o apoio logístico e meios humanos da Caixa Geral de Depósitos.

É um projecto dinâmico e aberto à participação de novas entidades com o objectivo de captar as melhores práticas de como estar nos negócios no mercado de Espanha e das suas diferentes Regiões.

Não se caminha, assim, para mais um estudo "teórico" e de gabinete sobre a economia de Espanha, mas para um trabalho muito sustentado no terreno.

Pensamos, orientando o trabalho desta forma, vir a assegurar-lhe qualidade, pela participação na equipa de técnicos com uma vivência do funcionamento da economia de Espanha e profundamente conhecedores do ambiente e dos meios de negócio. Deste modo, vamos procurar contribuir para acrescentar mais valor e mais conhecimento que não só ultrapasse o de uma visão analítica da economia, mas que se torne importante para a condução de negócios por parte das empresas e para a tomada de medidas no âmbito do sector público.

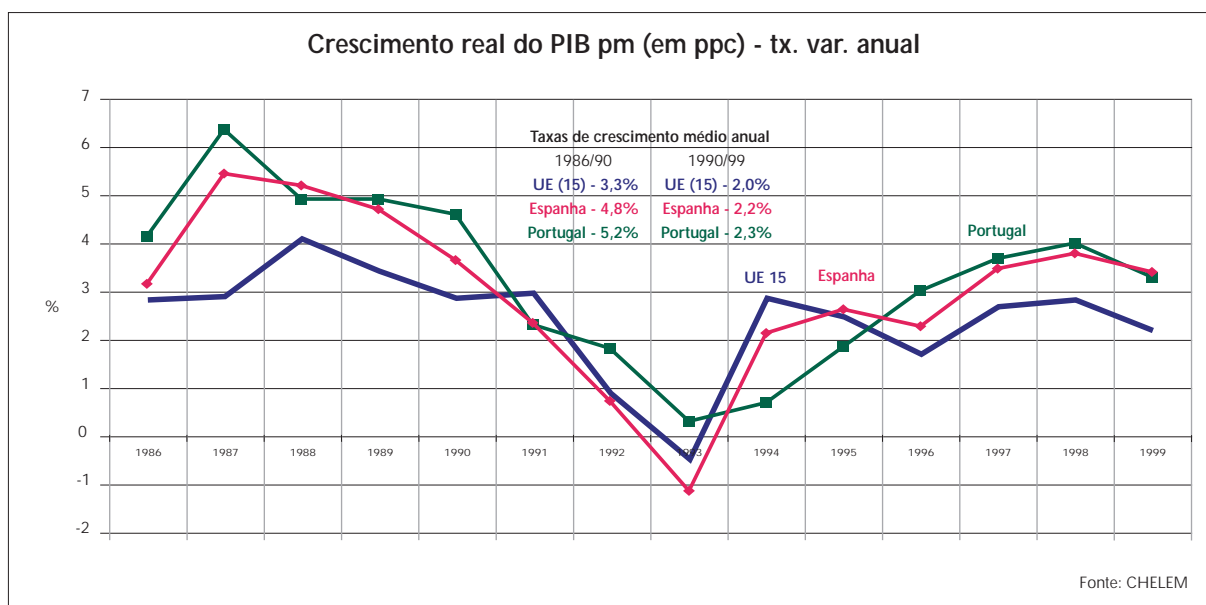
João Abel de Freitas

Índice

1. Espanha no contexto europeu	9
2. Componentes da Procura – o PIB na óptica da Despesa	11
3. Abertura ao exterior da economia espanhola	13
4. Preços, salários e produtividade	15
5. Estrutura produtiva	19
6. Gastos em I&D	23
7. Espanha regional	25
8. Documentos publicados	31

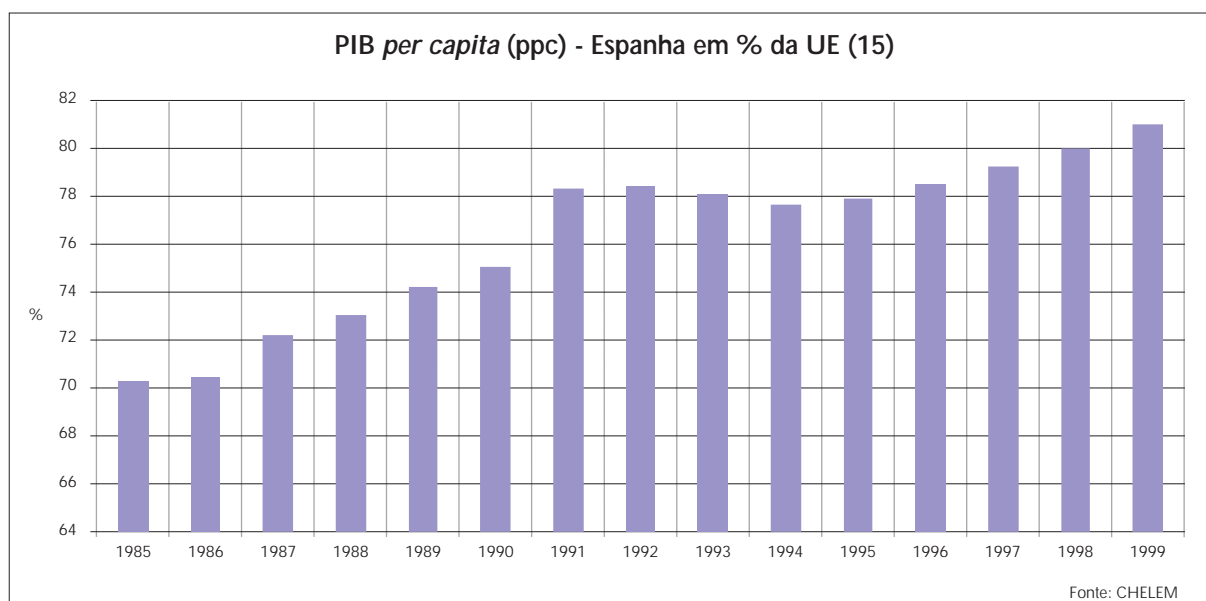
1. Espanha no contexto europeu

Espanha detinha 10,5% da População e 8,4% do Produto Interno Bruto a preços de mercado da União Europeia em 1999 (avaliado em paridades de poder de compra - ppc), ocupando a 5.ª posição entre os países membros.

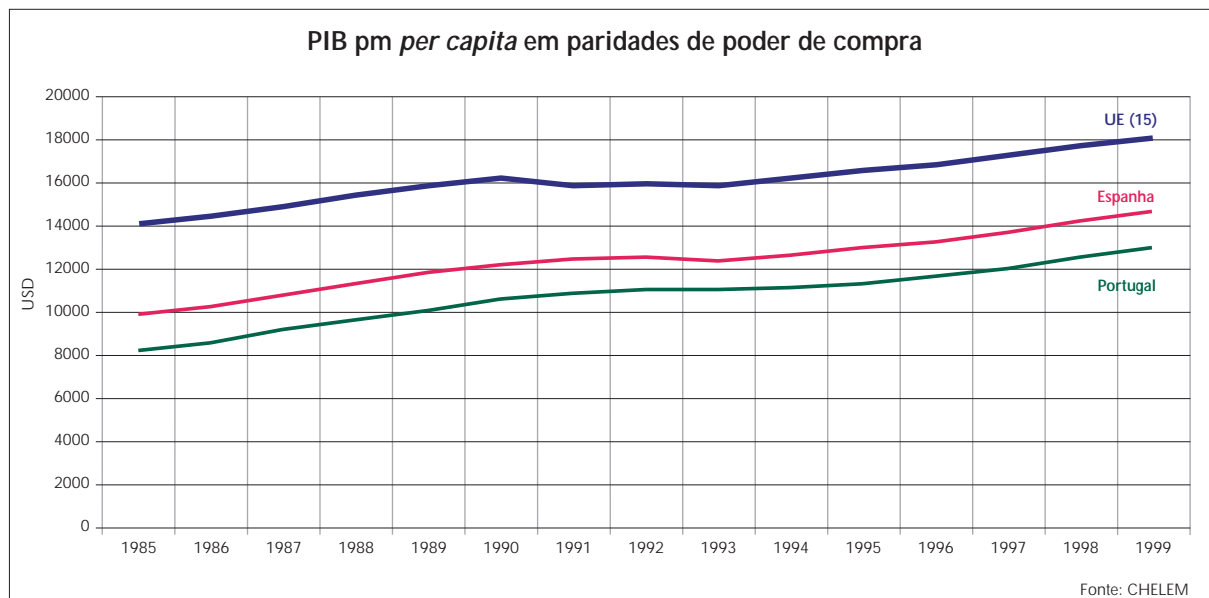


O crescimento médio anual da economia espanhola, no período 1986-1999, medido pelo PIB em ppc, situou-se, em volume, numa taxa de 3%, superior à média da União Europeia (2,4%). O ritmo de crescimento do PIB espanhol foi inferior ao do conjunto da Europa dos 15 apenas entre 1991 e 1994, evidenciando maior fragilidade em período de recessão.

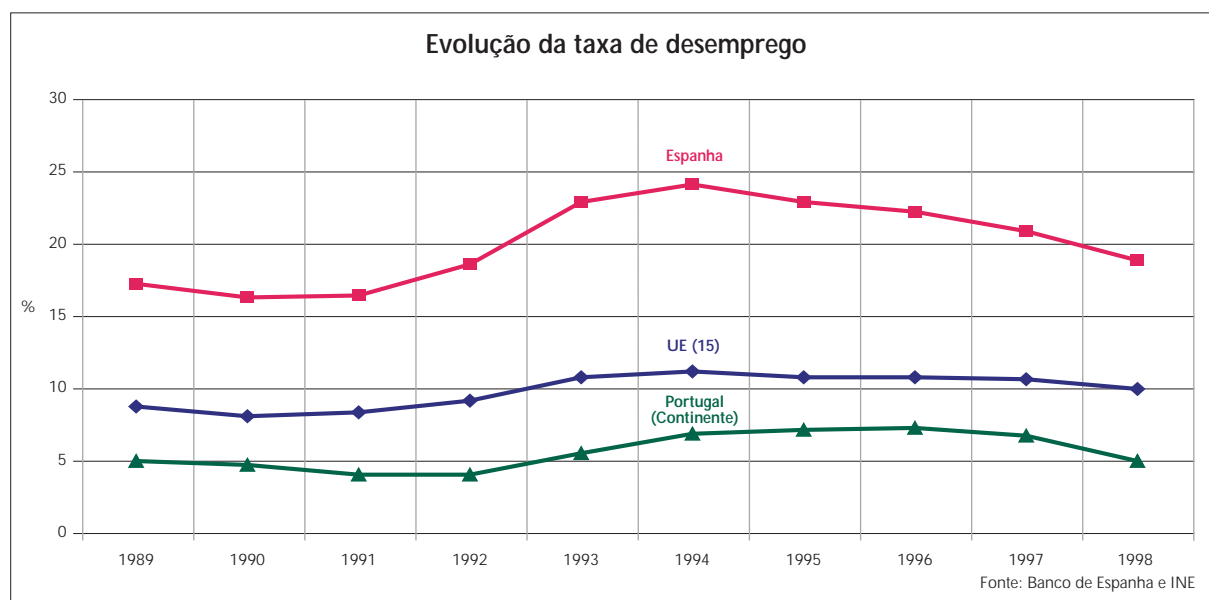
Desde a adesão em 1986, este país tem vindo a aumentar o seu PIB *per capita* e a aproximar-se da média comunitária. A recuperação particularmente forte que se regista entre 1990 e 1991 é, no entanto, devida à quebra do PIB *per capita* da União Europeia, em consequência da reunificação alemã.



Em 1999, o nível do PIB *per capita* espanhol (em ppc) situava-se ainda em cerca de 81% da média dos 15 países da União Europeia, nível este que é superior ao do PIB *per capita* português (71% daquela mesma média). Espanha passou da 12.^a posição para 13.^a a nível Comunitário a partir de 1994, devido à espectacular evolução da economia irlandesa (em 13.^a posição até 1993, atingiu a 3.^a posição em 1999).

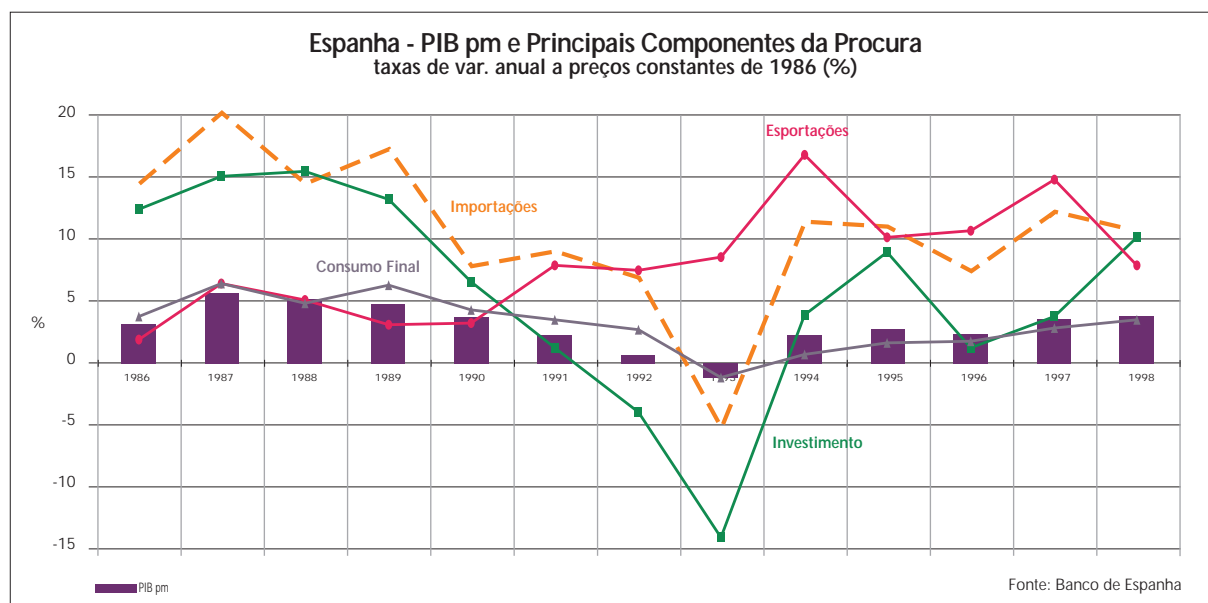


O crescimento económico tem-se reflectido na diminuição da taxa de desemprego que se mantém, no entanto, das mais elevadas a nível comunitário. No período em análise, ao retrocesso registado durante a recessão de 1991-94 segue-se nova recuperação, mantendo-se embora, a taxa de desemprego, em níveis mais elevados do que no início da década de 90 (19% em 1998, contra 16% em 1990).



2. Componentes da Procura - o PIB na óptica da Despesa

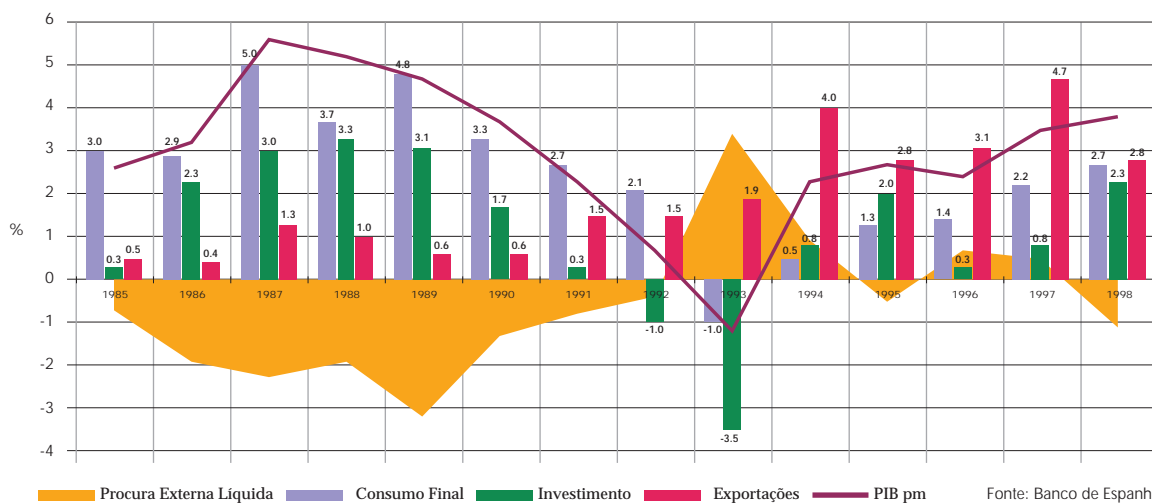
No período pós-adesão e até 1990, a componente mais dinâmica (com maior crescimento) do PIB em Espanha foi o Investimento (Formação Bruta de Capital) que, no entanto, sofreu a redução mais drástica no período recessivo, em 1992 e 1993. Foi já no ano de 1998 que a taxa de crescimento do Investimento voltou a ultrapassar a das Exportações (Bens e Serviços), repondo a situação anterior a 1991.



No entanto, ponderada a composição da Despesa, é o Consumo Final (Público e Privado) que apresenta o maior contributo efectivo para o crescimento do PIB até 1992, cedendo, posteriormente, lugar às Exportações.

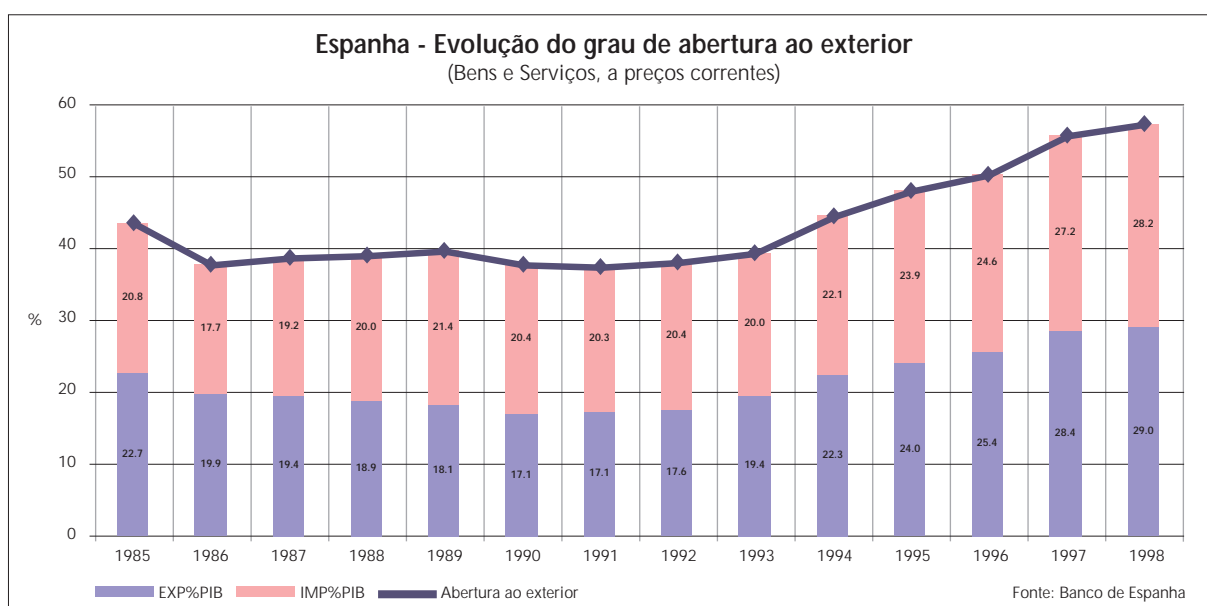
Com a desaceleração do crescimento económico que culminou, em 1993, numa evolução negativa do PIB, o bom andamento das Exportações, conjugado com a redução das Importações, contribuiu decisivamente para a não derrapagem do Produto. Em 1993 e 1994, registaram-se, mesmo, contribuições positivas da Procura Externa Líquida (Exportações menos Importações), que se vieram a repetir em 1996 e 1997. Em 1998, verifica-se de novo um contributo negativo desta variável para o crescimento do PIB.

Espanha - Contributos para o crescimento do PIB pm (a preços constantes de 1986)

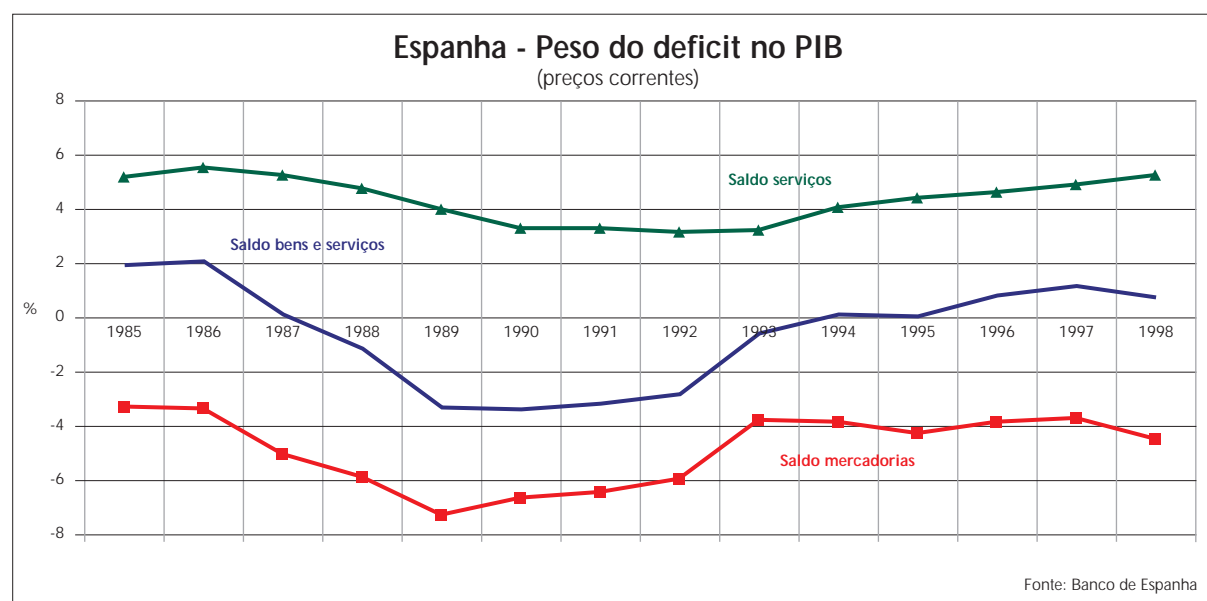


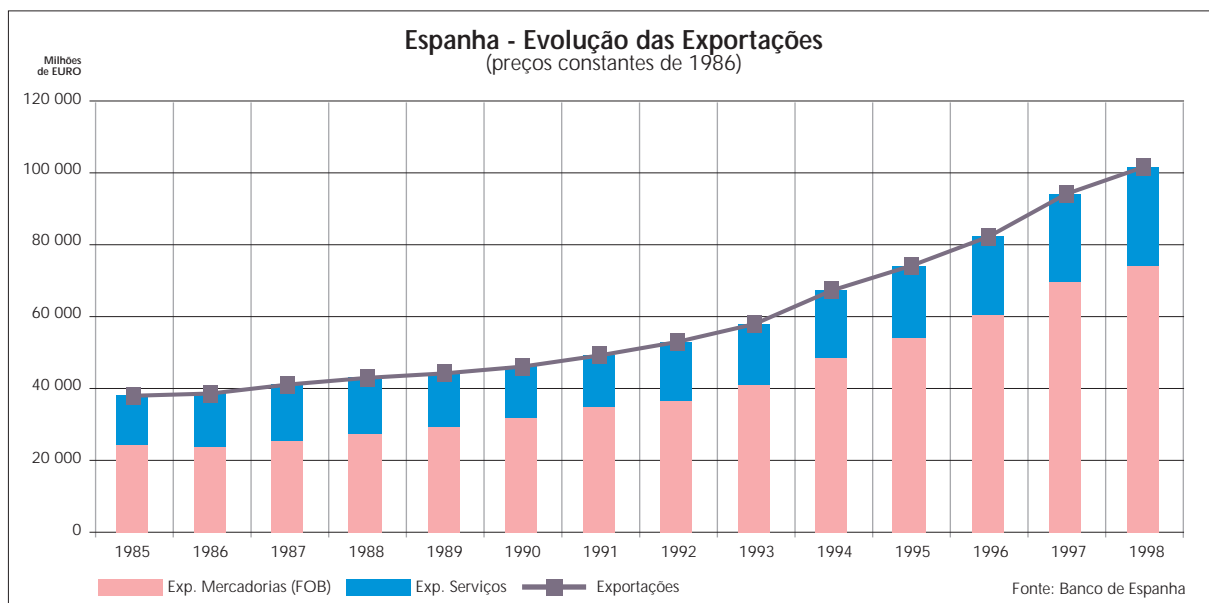
3. Abertura ao exterior da economia espanhola

Enquanto em 1985 as Exportações Totais (Bens e Serviços) representavam 23% do PIB, em 1998 esta percentagem aumentou para cerca de 29% do PIB. Por sua vez, o peso das Importações Totais (Bens e Serviços) cresceu também no mesmo período (de 21% para 28%), confirmando o crescente grau de abertura ao exterior da economia espanhola após a adesão à União Europeia, sobretudo sensível a partir de 1993.

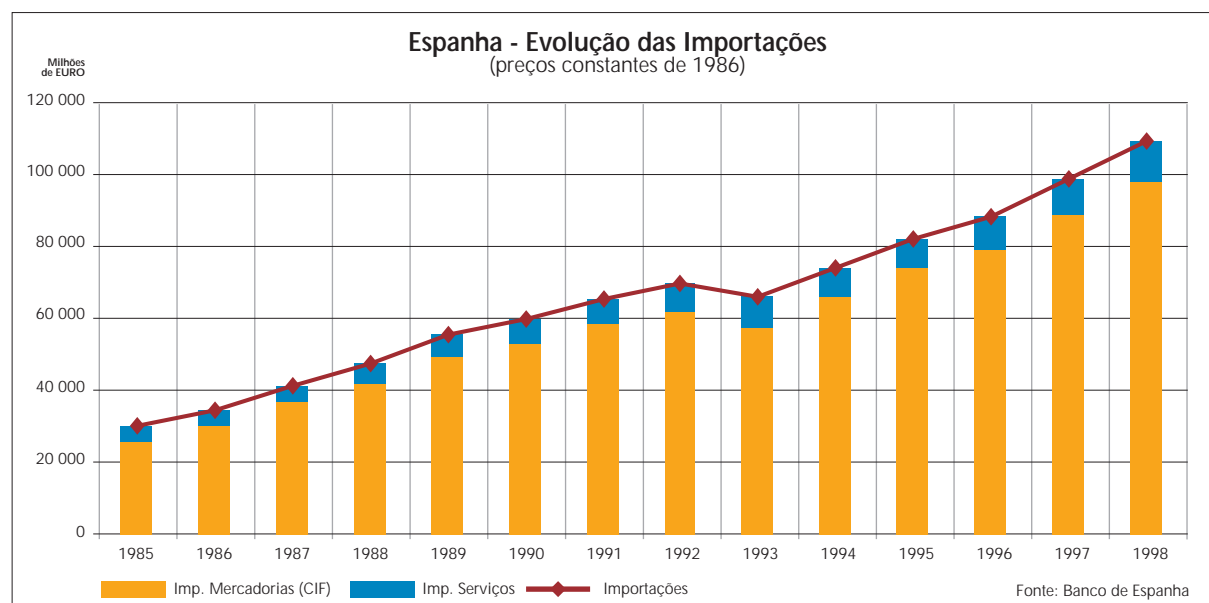


A contribuição da Balança de Bens e Serviços para o PIBpm (Procura Externa Líquida, a preços correntes), apresentou-se negativa apenas entre 1988 e 1993, devido ao agravamento do saldo negativo da balança de Mercadorias, não compensado pelo *superavit* da balança de Serviços. Em 1998, verifica-se novo aumento do *deficit* da balança de Mercadorias, superior à melhoria do saldo da balança dos Serviços, mas mantém-se positiva a contribuição global da Balança de Bens e Serviços para o PIB.



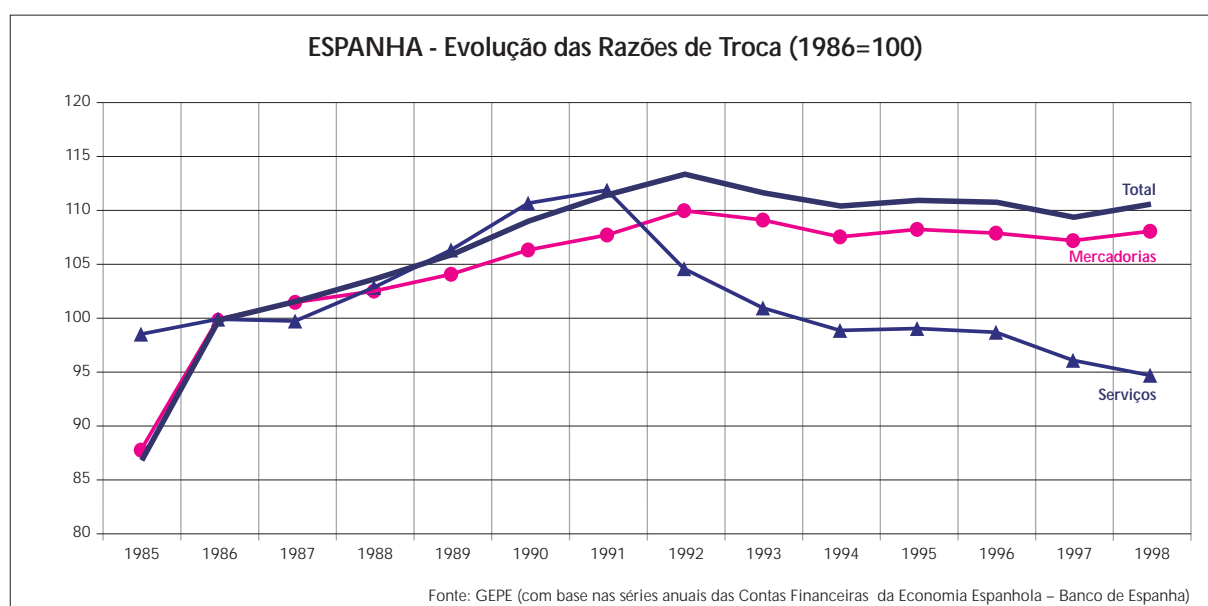


Com efeito, as trocas comerciais de Serviços são relativamente mais importantes no total das Exportações do que nas Importações. Em 1998, os Serviços representaram 27% das Exportações totais e 10% das Importações totais.



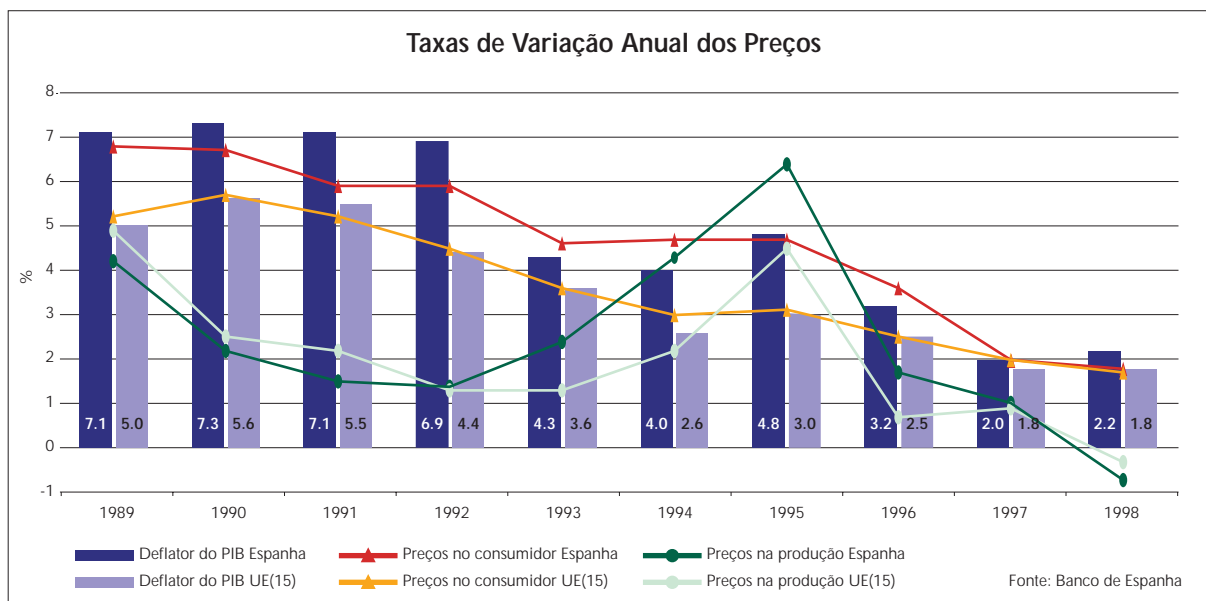
4. Preços, salários e produtividade

No que respeita ao Comércio Internacional, entre 1985 e 1992, os preços das Exportações aumentaram mais do que os das Importações, o que se traduz numa evolução dos termos de troca favorável a Espanha, sobretudo ao nível das Mercadorias, mas também, até 1991, dos Serviços.



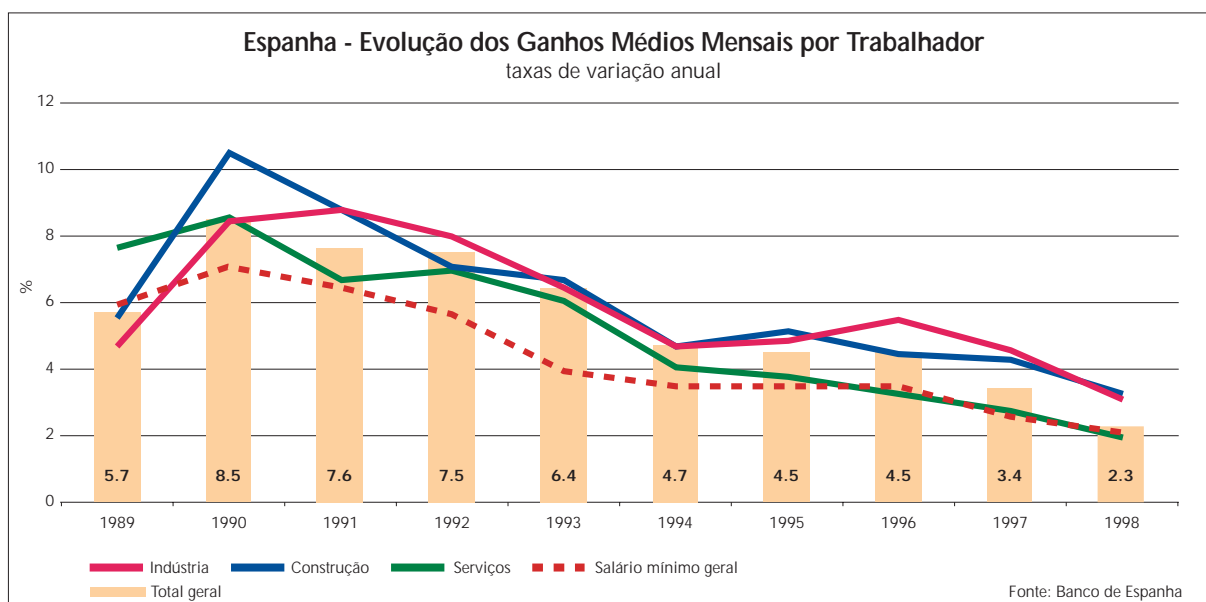
A partir de 1993, regista-se uma deterioração dos termos de troca, não tendo ainda sido repostos, até 1998, os ganhos atingidos antes da recessão. Porém, ao nível das Mercadorias assiste-se, neste último ano, a um ganho nas razões de troca de cerca de 1% relativamente ao ano anterior, mantendo-se uma deterioração acentuada dos preços relativos nos Serviços.

Por outro lado, em termos gerais, as taxas de crescimento, tanto dos preços implícitos no PIB, como dos preços no Consumidor e dos preços na Produção em Espanha, têm sofrido uma desaceleração apreciável, aproximando-se das médias comunitárias, em particular no caso dos preços no Consumidor (taxa de inflação). Já em 1998, os preços na Produção baixaram ligeiramente mais em Espanha do que em média na UE(15).



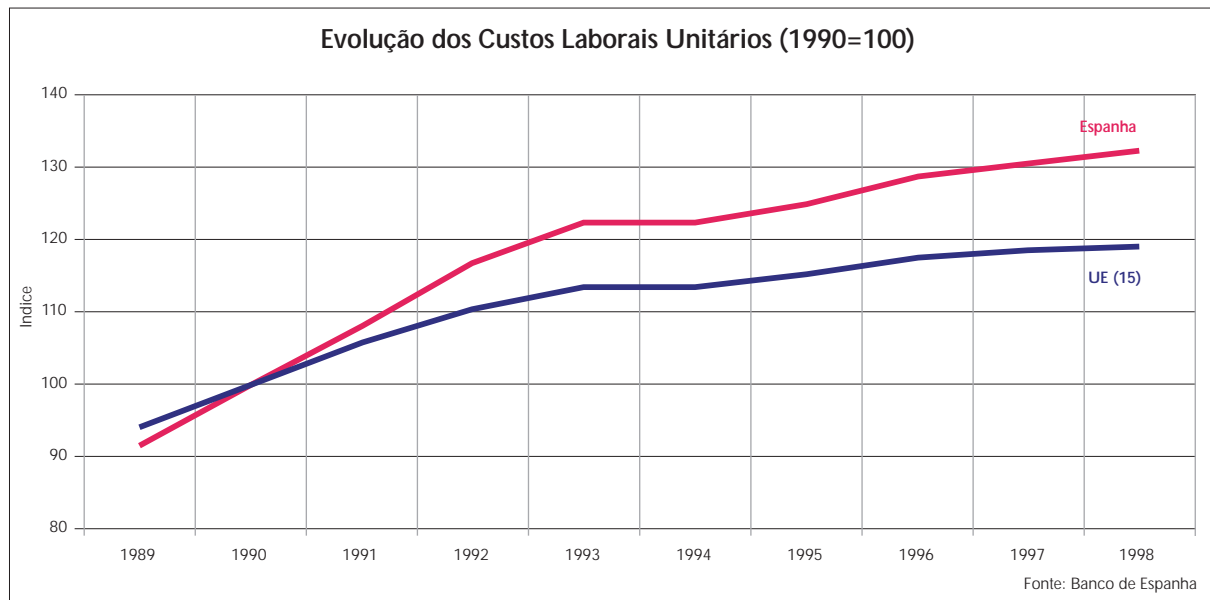
São, no entanto, notórios os efeitos do período recessivo, em que os diferenciais dos preços implícitos no PIB e dos preços na Produção em Espanha e na UE (15) aumentaram, respectivamente, entre 1992-95 e 1993-95.

Paralelamente, também o crescimento dos ganhos médios mensais por trabalhador tem desacelerado. Salvo ajustamentos pontuais, a evolução do salário mínimo geral é acompanhada, em termos idênticos pelos Serviços e, em níveis superiores em cerca de 1 a 2 pontos percentuais, pela Indústria e pela Construção.

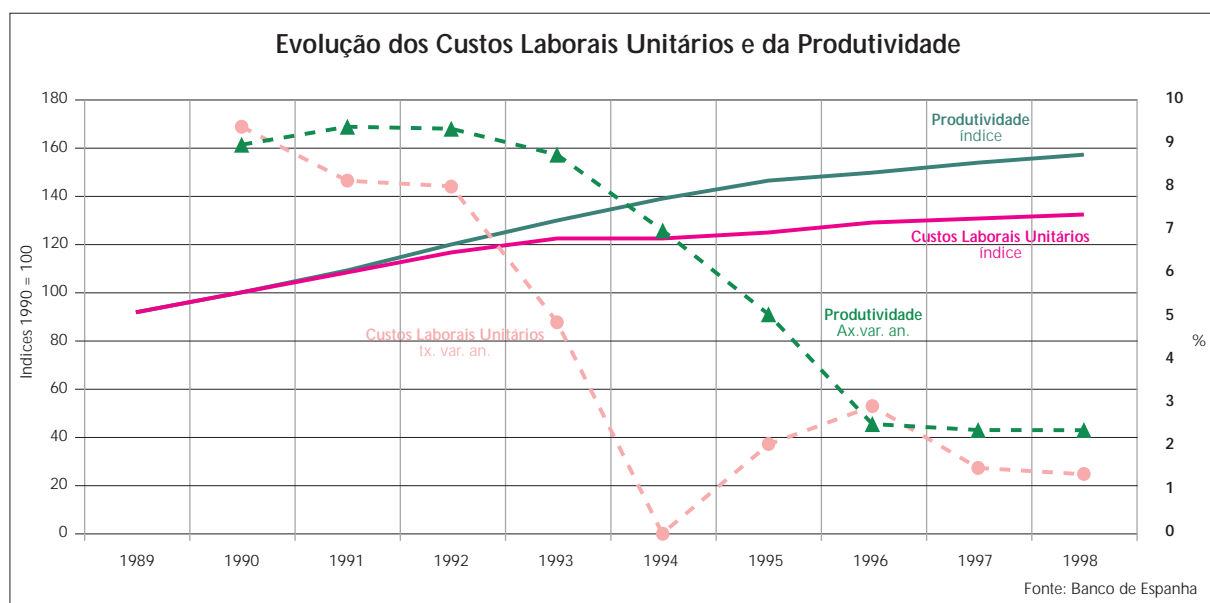


Denotam-se alguns reajustamentos pontuais em alta, nos níveis salariais do sector dos Serviços no período de 1989 a 1995, da Construção entre 1989 e 1991 e da Indústria em 1992 e em 1996.

Quanto à evolução dos Custos Laborais Unitários em Espanha, em termos globais ela tem sido superior à média da UE(15), ao longo da década de 1990.

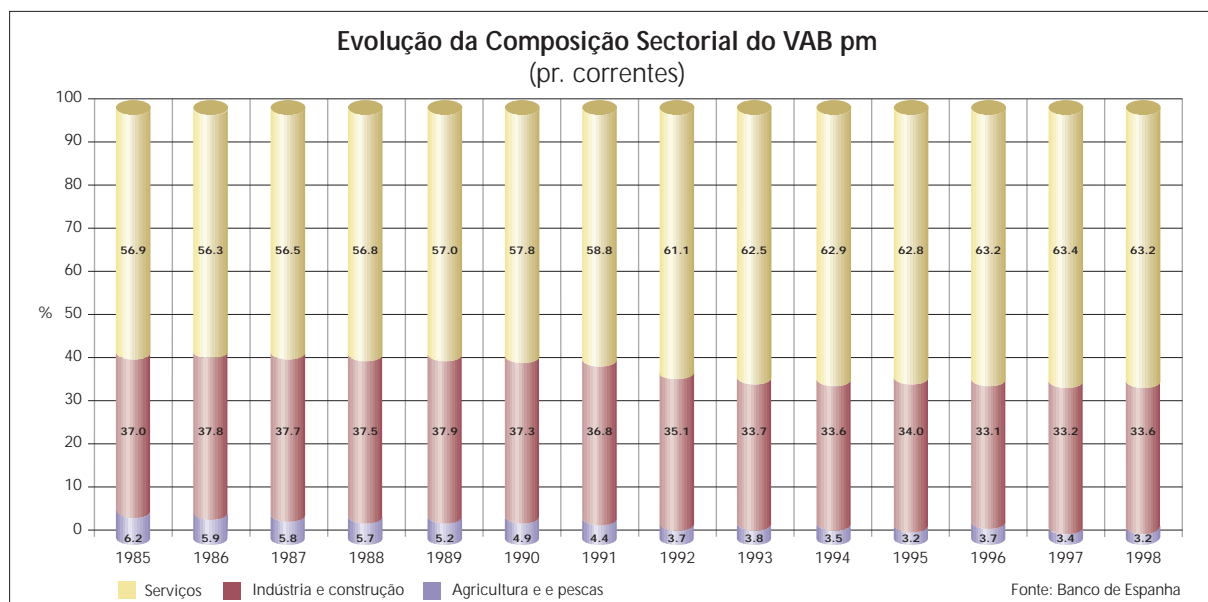


A Produtividade aparente do trabalho (VABpm/Emprego, a preços correntes) tem aumentado mais do que os Custos Laborais Unitários (com exceções pontuais em 1990 e 1996), registando taxas de crescimento relativamente elevadas entre 1989 e 1993 (9%) e reduzindo progressivamente esse ritmo de crescimento até cerca de 2% nos últimos dois anos.

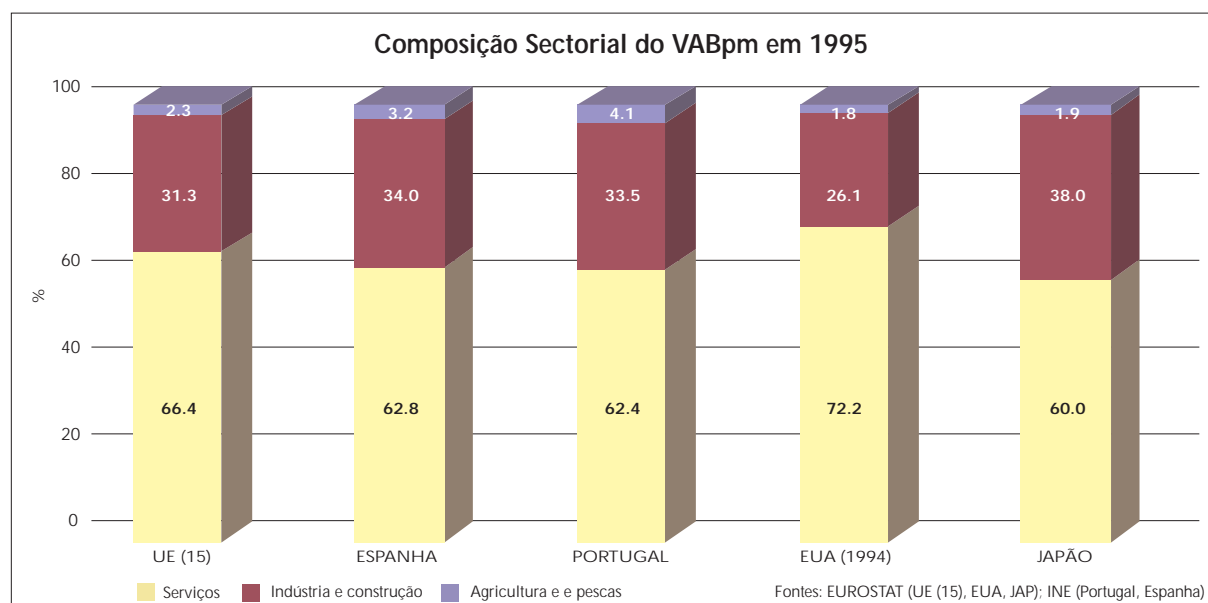


5. Estrutura produtiva

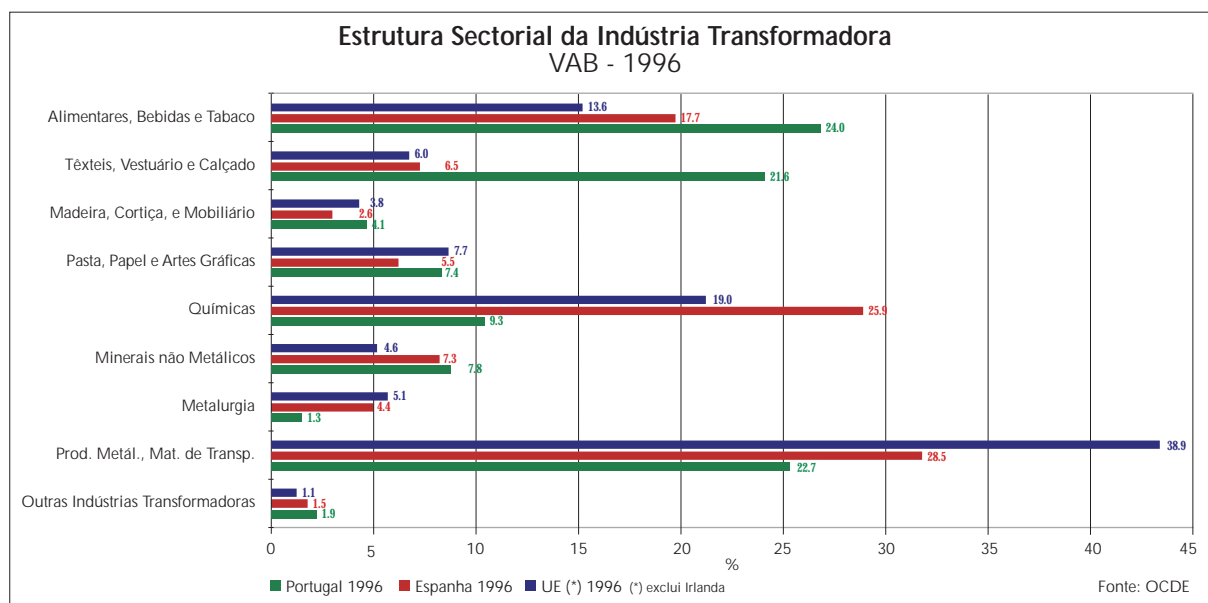
Em termos de contribuição para o VAB pm, podemos constatar o reforço do sector Terciário em Espanha, à custa das actividades Primárias e Secundárias.



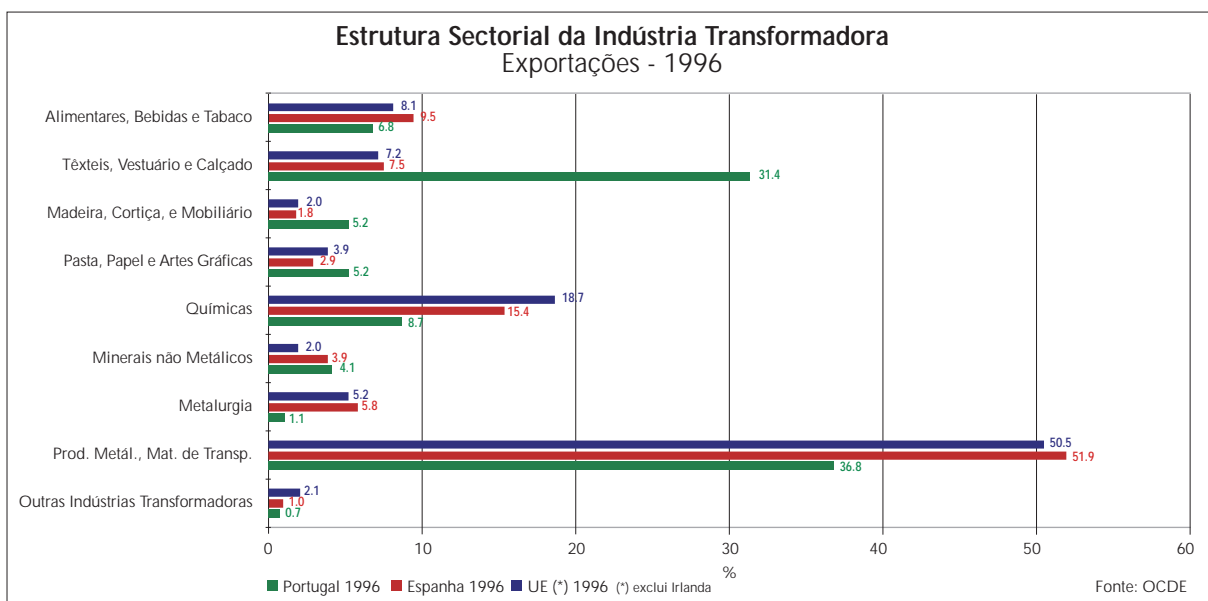
Contudo, estas últimas, têm ainda um peso relativamente elevado na economia espanhola, face ao que é mais comum em economias avançadas (excepção feita para o caso da Indústria na economia Japonesa, que mantém um peso excepcionalmente elevado neste contexto).



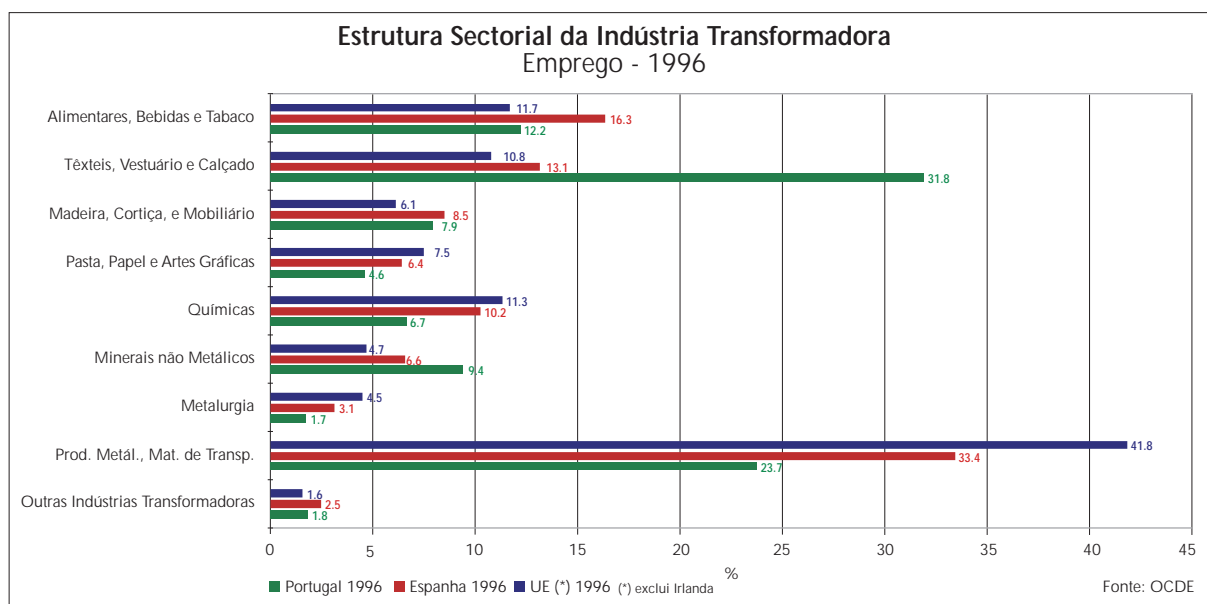
O sector da indústria transformadora com maior peso na estrutura produtiva espanhola é o dos Produtos Metálicos, Máquinas e Material de Transporte, tanto em termos de VAB, como de Emprego e de Exportação.



Pela sua contribuição para o VAB e para a Exportação industriais, os sectores das Químicas e das Alimentares, Bebidas e Tabaco ocupam, respectivamente, as segunda e terceira posições na estrutura produtiva.



Quanto ao Emprego, em segunda, terceira e quarta posições encontram-se as indústrias Alimentares, Bebidas e Tabaco, as Têxteis, Vestuário e Calçado e as Químicas, respectivamente.



Como diferenças mais salientes relativamente à estrutura produtiva total da UE(15), Espanha apresenta um maior peso das fileiras Alimentar, Têxtil e dos Minerais não Metálicos quanto às três variáveis em estudo e do sector da Química em relação ao VAB, assim como um menor peso da fileira Metálica em termos de VAB e de Emprego.

COMPOSIÇÃO SECTORIAL DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA EM ESPANHA

	EMPREGO		VAB		EXPORTAÇÕES	
	1985	1996	1985	1996	1985	1996
Alimentares, Bebidas e Tabaco	16,0	16,3	19,7	17,7	9,7	9,5
Têxteis, Vestuário e Calçado	17,5	13,1	10,3	6,5	10,0	7,5
Madeira, Cortiça e Mobiliário	8,0	8,5	3,2	2,6	1,8	1,8
Pasta, Papel e Artes Gráficas	4,8	6,4	5,1	5,5	3,4	2,9
Químicas	9,9	10,2	20,6	25,9	23,2	15,4
Minerais não Metálicos	6,4	6,6	6,7	7,3	3,4	3,9
Metalurgia	4,1	3,1	5,8	4,4	13,2	5,8
Prod. Metálicos, Máquinas e Mat. de Transporte	31,1	33,4	27,1	28,5	34,4	51,9
Outras Indústrias Transformadoras	2,1	2,5	1,4	1,5	1,0	1,0

FONTE: OCDE

Os Têxteis, Vestuário e Calçado apresentam as maiores perdas de importância em Espanha, entre 1985 e 1996, quanto ao VAB e ao Emprego (respectivamente, perdas de 3,8 e 4,4 pontos percentuais) e a terceira maior perda nas Exportações (menos 2,5 p.p., inferior às perdas de 7,8 p.p. nas Químicas e de 7,4 na Metalurgia).

COMPOSIÇÃO SECTORIAL DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA NA UE (*)

	EMPREGO		VAB		EXPORTAÇÕES	
	1985	1996	1985	1996	1985	1996
Alimentares, Bebidas e Tabaco	11,1	11,7	13,2	13,6	8,5	8,1
Têxteis, Vestuário e Calçado	13,1	10,8	8,1	6,0	8,0	7,2
Madeira, Cortiça e Mobiliário	5,7	6,1	3,7	3,8	2,0	2,0
Pasta, Papel e Artes Gráficas	6,7	7,5	6,9	7,7	3,9	3,9
Químicas	10,6	11,3	17,0	19,0	22,3	18,7
Minerais não Metálicos	4,5	4,7	4,6	4,6	2,1	2,0
Metalurgia	5,5	4,5	5,6	5,1	7,5	5,2
Prod. Metálicos, Máquinas e Mat. de Transporte	40,8	41,8	39,6	38,9	43,5	50,5
Outras Indústrias Transformadoras	1,7	1,6	1,3	1,1	2,2	2,1

FONTE: OCDE

(*) Exclui a IRLANDA

Idênticas alterações, se bem que em escalas diferentes, registaram-se a nível global na União Europeia e, também, em Portugal.

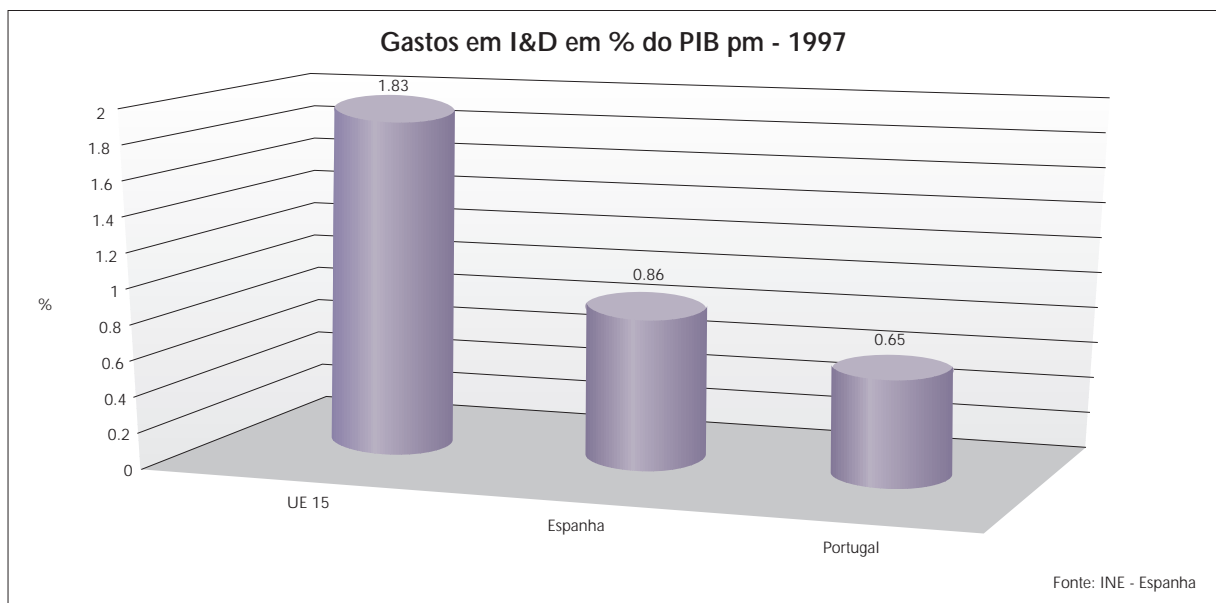
COMPOSIÇÃO SECTORIAL DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA EM PORTUGAL

	EMPREGO		VAB		EXPORTAÇÕES	
	1985	1996	1985	1996	1985	1996
Alimentares, Bebidas e Tabaco	13,4	12,2	20,0	24,0	9,1	6,8
Têxteis, Vestuário e Calçado	34,3	31,8	25,8	21,6	36,1	31,4
Madeira, Cortiça e Mobiliário	7,6	7,9	4,2	4,1	6,4	5,2
Pasta, Papel e Artes Gráficas	4,3	4,6	6,3	7,4	7,1	5,2
Químicas	6,5	6,7	10,8	9,3	12,8	8,7
Minerais não Metálicos	6,8	9,4	6,9	7,8	3,2	4,1
Metalurgia	2,2	1,7	2,8	1,3	2,9	1,1
Prod. Metálicos, Máquinas e Mat. de Transporte	17,2	23,7	18,6	22,7	20,9	36,8
Outras Indústrias Transformadoras	7,6	1,8	4,6	1,9	1,5	0,7

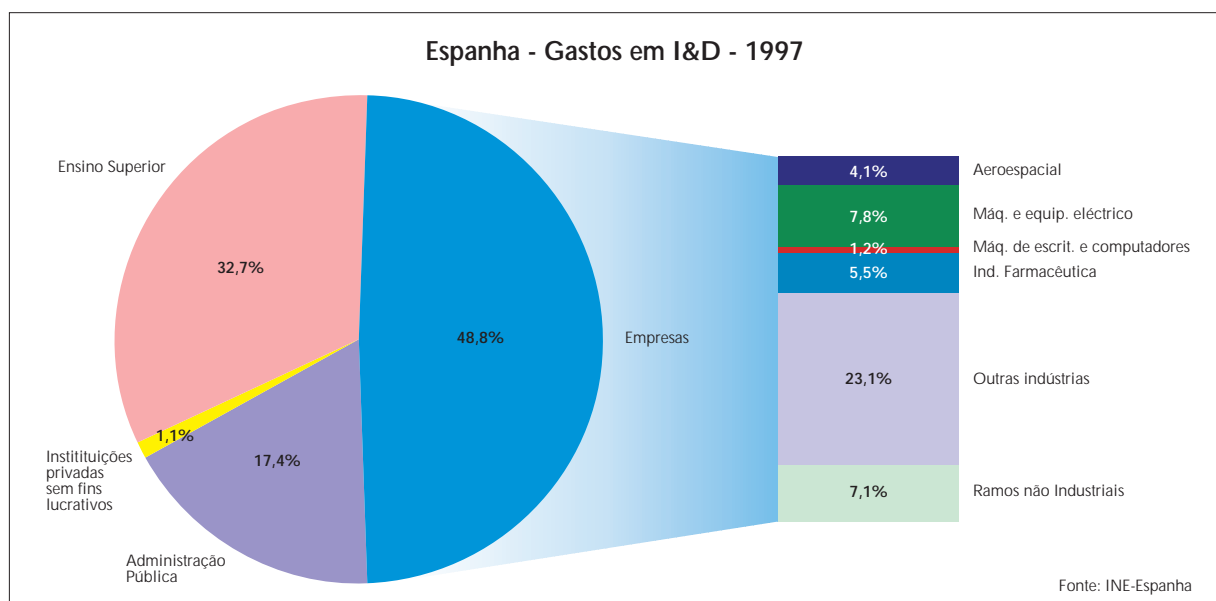
FONTE: OCDE

6. Gastos em I&D

Em 1997, os gastos em Investigação e Desenvolvimento (I&D) realizados em Espanha, em percentagem do PIB, foram ainda muito inferiores à média europeia, embora superiores aos de Portugal.



Nesse ano, as Empresas foram responsáveis por quase metade da despesa em I&D (49%), seguidas pelo Ensino Superior que observa um crescimento assinalável desde 1991 (atingindo 33% dos gastos totais) e pela Administração Pública (17%).



Em 1996, foi de 9,6% a percentagem estimada do número de empresas inovadoras em Espanha. Num total de 794 196 milhões de pesetas gastas em inovação nesse ano, apresentam os montantes mais elevados, os seguintes sectores:

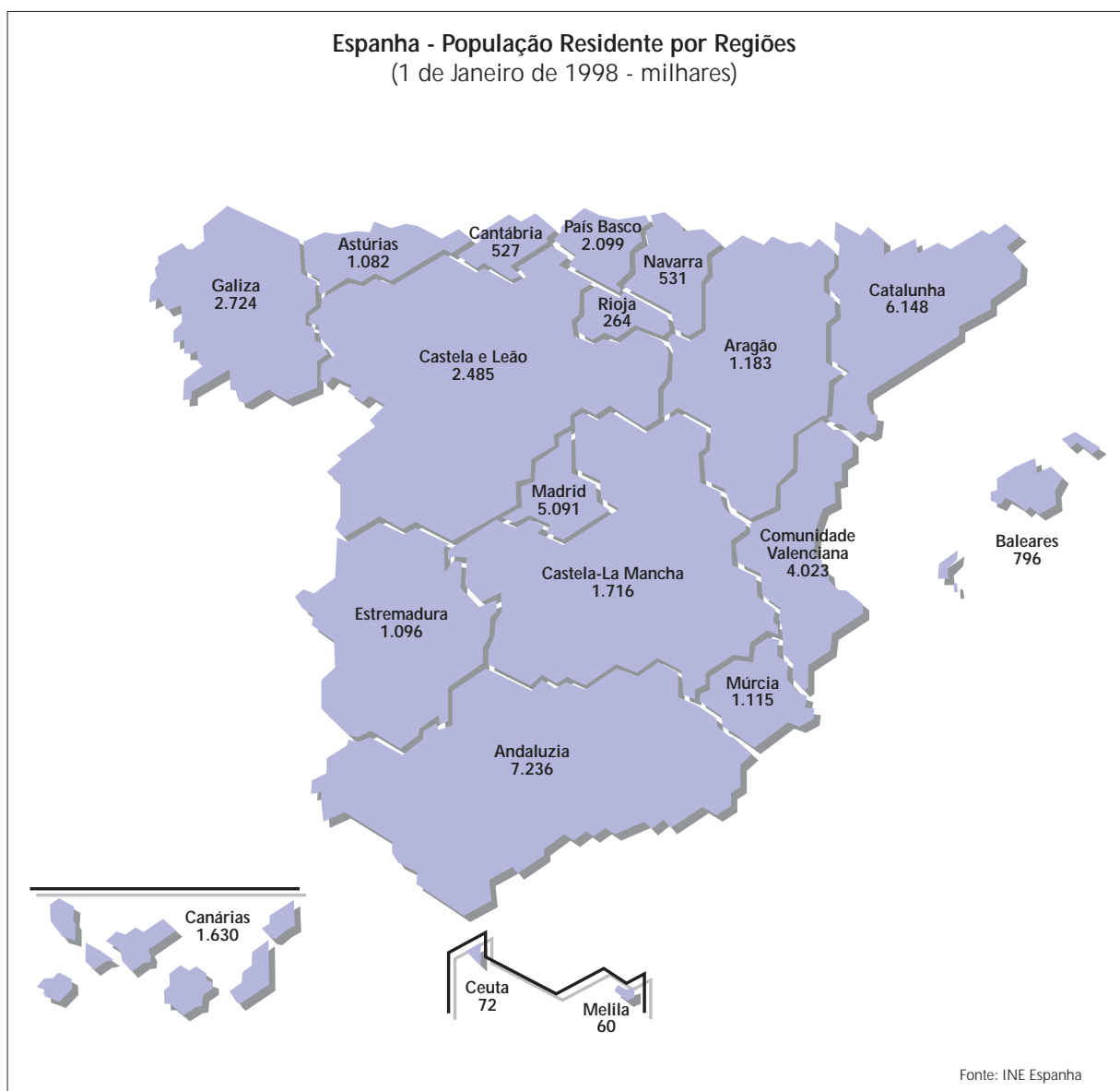
- Automóvel (128 405 milhões de pesetas, 40% das quais aplicadas em I&D e 60% noutras actividades inovadoras)
- Alimentares e Bebidas (77 142 milhões de pesetas, 19,4% aplicadas em I&D e 80,6% noutras actividades inovadoras)
- Farmacêuticas (54 739 milhões de pesetas, 79,2% aplicadas em I&D e 20,8% noutras actividades inovadoras)
- Químicas (53 643 milhões de pesetas, 43,2% aplicadas em I&D e 56,8% noutras actividades inovadoras)
- Aparelhos de Rádio, TV e Comunicações (47 822 milhões de pesetas, 73,4% aplicadas em I&D e 26,6% noutras actividades inovadoras).
- Máquinas e Equipamento Mecânico (42 462 milhões de pesetas, 64,5% aplicadas em I&D e 35,5% noutras actividades inovadoras)
- Produtos Metálicos (32 211 milhões de pesetas, 25,7% aplicadas em I&D e 74,3% noutras actividades inovadoras)
- Máquinas Eléctricas (31 429 milhões de pesetas, 42,2% aplicadas em I&D e 57,8% noutras actividades inovadoras)
- Aeroespacial (28 507 milhões de pesetas, 78,3% aplicadas em I&D e 21,7% noutras actividades inovadoras)
- Coque, Refinação de Petróleo e Combustíveis Nucleares (28 258 milhões de pesetas, 21,8% aplicadas em I&D e 78,2% noutras actividades inovadoras)
- Electricidade, Gás e Água (27 701 milhões de pesetas, 35,8% aplicadas em I&D e 64,2% noutras actividades inovadoras).

Também em 1996, num total de 35 572 pedidos de patentes ao nível da UE (15), Espanha foi responsável por 478 pedidos (11.^a posição), enquanto Portugal foi o país com menor número de pedidos (apenas onze, 15.^a posição).

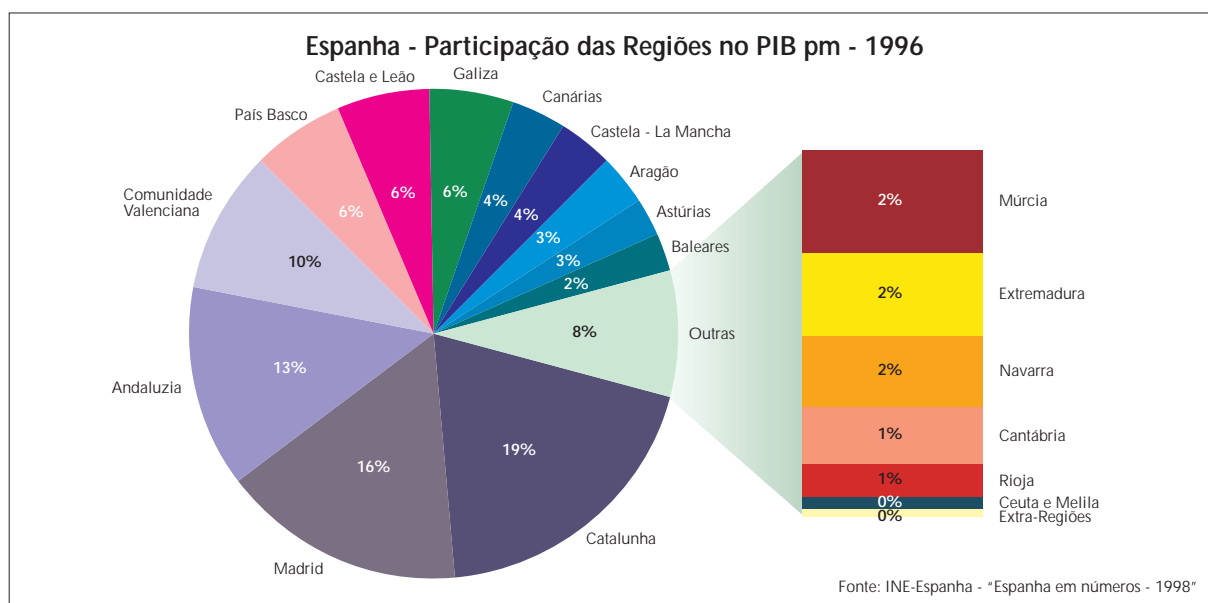
7. Espanha regional

O território espanhol é composto por 19 Comunidades Autónomas, adiante designadas por Regiões, entre as quais se registam enormes contrastes socio-económicos.

As regiões de maior área geográfica de Espanha são Castela e Leão, Andaluzia e Castela-La Mancha.

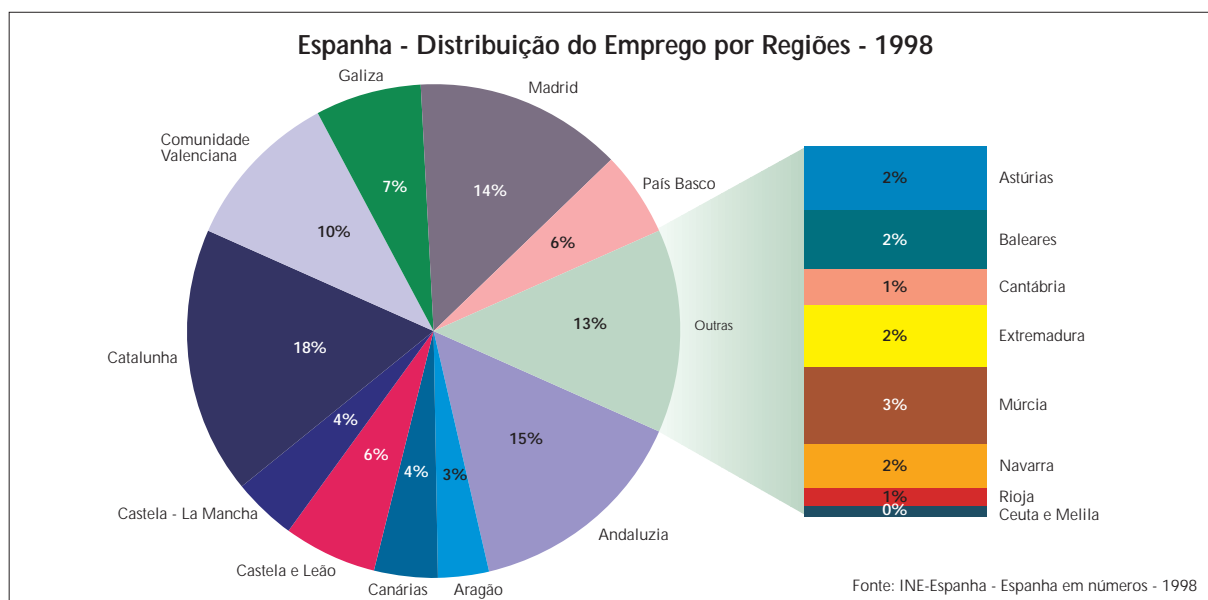


Melilla, Ceuta e Madrid são as mais densamente povoadas com, respectivamente, 5009, 3606, 634 habitantes por quilómetro quadrado. Seguem-se o País Basco, as Canárias e a Catalunha com, respectivamente, 290, 218 e 191 habitantes por quilómetro quadrado.

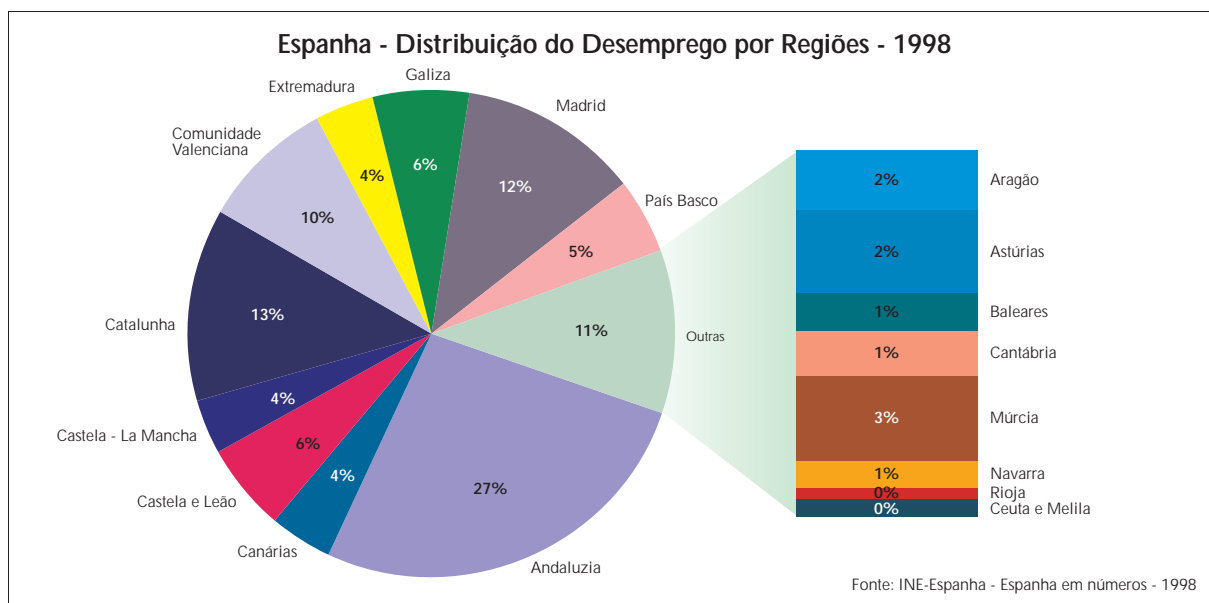


No que diz respeito à participação no PIB pm, destacam-se 4 regiões que, em conjunto representavam mais de metade do total do país em 1996: Catalunha (19%), Madrid (16%), Andaluzia (13%) e Comunidade Valenciana (10%).

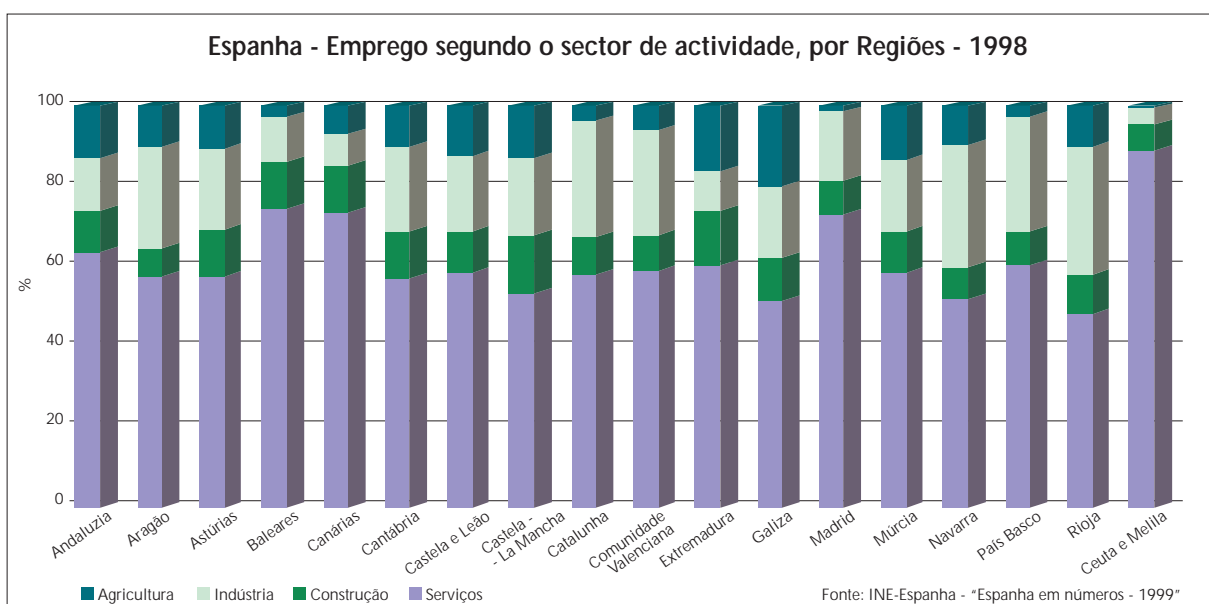
Tendo em conta o binómio área geográfica-produto, é de salientar, em particular, a importância económica das regiões de Madrid e Catalunha.



No que se refere ao Emprego, os pesos relativos das regiões acompanham o indicador da contribuição regional para o PIB, destacando-se, também, com mais de metade da População Empregada do país, a Catalunha, a Andaluzia, Madrid e a Comunidade Valenciana.



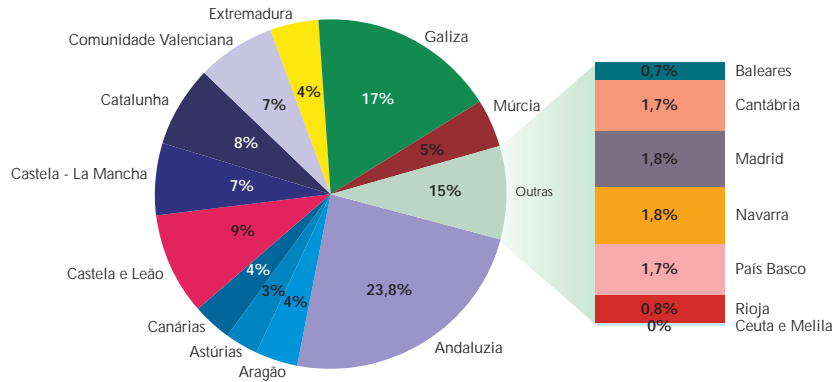
No entanto, o Desemprego afecta mais vincadamente a região de Andalusia, com 818,5 mil pessoas desempregadas (26,7% do total do país), seguindo-se, a alguma distância, as regiões da Catalunha (12,7%) e de Madrid (12%).



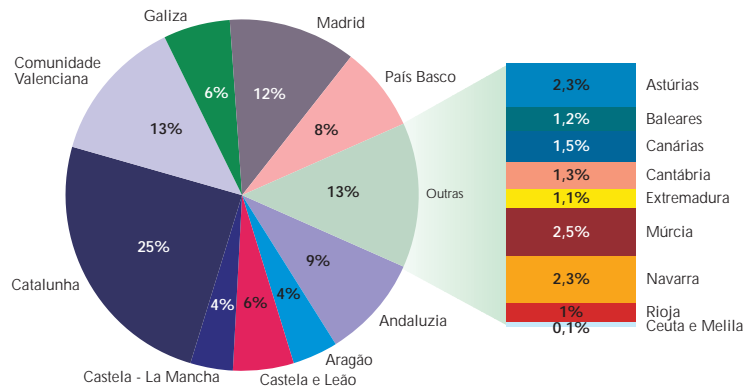
Uma análise do Emprego segundo o sector de actividade, evidencia a importância da Agricultura no tecido económico da Galiza, responsável por 19,8% do Emprego nesta região. Já as regiões de Rioja, Navarra, País Basco e Catalunha destacam-se pelo peso significativo do sector industrial, que representa mais de 28% do Emprego total nessas regiões.

Por sua vez, a importância do sector dos Serviços em termos do emprego regional é excepcionalmente elevada em Ceuta-Melilla, mas também apresenta uma importância elevada em relação às restantes regiões, em Madrid, Canárias e Baleares (acima dos 70% do emprego regional).

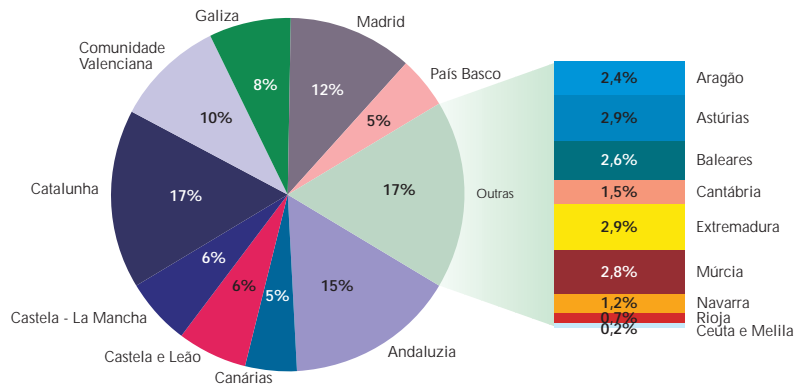
AGRICULTURA - Distribuição do Emprego por regiões em 1998



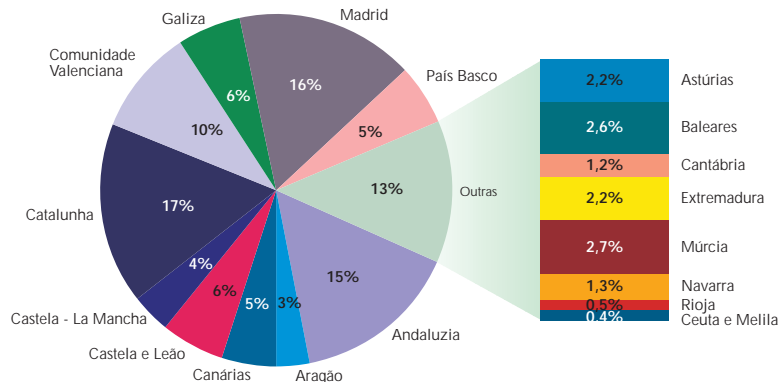
INDÚSTRIA - Distribuição do Emprego por regiões em 1998



CONSTRUÇÃO - Distribuição do Emprego por regiões em 1998



SERVIÇOS - Distribuição do Emprego por regiões em 1998



Fonte: INE-Espanha - "Espanha em números - 1998"

Ressalta a importância da região da Catalunha como a maior empregadora de Espanha, seja na Indústria, na Construção ou nos Serviços, contribuindo para 25% do Emprego total no sector Industrial, 16,5% no sector da Construção e 16,6% na área dos Serviços. Também na actividade Agrícola, a Catalunha tem uma importância saliente em termos nacionais, já que é responsável por 7,5% do Emprego do sector em Espanha, ocupando a 4.^a posição no *ranking* das regiões.

8. Documentos publicados

- DT 1 **Política de Concorrência e Política Industrial**
Nov. 96 *António Nogueira Leite - (Esgotado)*
- DT 2 **Transformação Estrutural e Dinâmica do Emprego**
Dez. 96 *Paulino Teixeira - (Esgotado)*
- DT 3 **Ética e Economia**
Jan. 97 *António Castro Guerra - (Esgotado)*
- DT 4 **Padrões de Diversificação dos Grupos Empresariais**
Mar. 97 *Adelino Furtado - (Esgotado)*
- DT 5 **Estratégias e Estruturas Industriais e o Impacto da Adesão à Comunidade Europeia**
Maio 97 *António Brandão, Alberto Castro e Helder de Vasconcelos - (Esgotado)*
- DT 6 **Têxteis, Vestuário, Curtumes e Calçado - Uma Visão Prospectiva**
Jun. 97 *João Abel de Freitas*
- DT 7 **O Comércio a Retalho Português no Contexto Europeu**
Jul. 97 *Teresinha Duarte*
- DT 8 **Será a Globalização um Fenómeno Sustentável?**
Out. 97 *Vitor Santos*
- DT 9 **Turismo Português - Reflexões sobre a sua competitividade e sustentabilidade**
Nov. 97 *António Trindade*
- DT 10 **União Europeia - Auxílios de Estado e Coesão Económica e Social - Tendências Contraditórias**
Jan. 98 *Maria Eugénia Pina Gomes*
Mário Lobo
- DT 11 **Cooperação Comercial - Uma Estratégia de Competitividade**
Mar. 98 *Teresinha Duarte*
- DT 12 **Globalização e Competitividade - O Posicionamento das Regiões Periféricas**
Maio 98 *António Castro Guerra*
- DT 13 **Determinantes do Desinvestimento em Portugal**
Maio 98 *João Abel de Freitas*
- DT 14 **O Panorama da Indústria Siderúrgica em Portugal**
Jun. 98 *José Diogo Costa*
- DT 15 **Turismo, o espaço e a economia**
Jul.98 *João Albino Silva*

- DT 16 **A Dinamização da Cooperação Interempresarial no Sector de Componentes de Automóvel: O Caso de Estudo ACECIA, ACE**
Dez. 98 *Catarina Selada, Teresa Rolo, José Rui Felizardo, Luís Palma Féria*
- DT 17 **O Euro, o Dólar e a Competitividade das Empresas Portuguesas**
Jan. 99 *João Abel de Freitas, Sérgio Figueiredo, Vitor Santos*
- DT 18 **Consumo, Publicidade e Vendas Agressivas**
Jan. 99 *Ana Luísa Geraldés*
- DT 19 **A História do Sector Automóvel em Portugal (1895-1995)**
Fev. 99 *Luís Palma Féria*
- DT 20 **Mercosul: das Origens à Crise Actual**
Abr. 99 *Franklin Trein*
- DT 21 **Mercosul: da Estrutura à Política Comercial**
Maio 99 *Elivan Rosas Ribeiro*
- DT 22 **Tendências Pesadas no Contexto Nacional e Internacional**
Maio 99 **Quelques Tendances Lourdes du Contexte National et International**
(Edição bilingue)
Hugues de Jouvenel
- DT 23 **A Integração das Infra-estruturas Tecnológicas na Rede de Excelência para o Desenvolvimento da Indústria Automóvel em Portugal: Uma Metodologia de Avaliação**
Jun. 99 *Catarina Selada, José Rui Felizardo e Luís Palma Féria*
- DT24 **Mercosul: Perspectivas da Integração**
Jul. 99 *Lia Valls Pereira*
- DT 25 **O Papel da Pequena Empresa na UE**
Ag. 99 **Role of Small Businesses in the EU**
(Edição bilingue)
Franco Ianniello
- DT 26 **As Contrapartidas das Aquisições Militares**
Fev.2000 **Instrumento de Desenvolvimento Económico**
Luís Palma Féria
- DT 27 **A Nova Realidade do Euro e a Organização Mundial do Comércio: Algumas Reflexões**
Maio 2000 *António Mendonça e Carla Guapo Costa*
- DT 28 **A Região da Catalunha**
Jun. 2000 *Isabel Barata e Aucendina Diogo*
- DT 29 **Breve Caracterização da Economia Espanhola**
Set. 2000 *Isabel Barata e Aucendina Diogo*